O FILHO DO PESCADOR, DE TEIXEIRA E SOUSA: UM DOS PRIMEIROS FOLHETINS DO SÉCULO XIX NO BRASIL PÓS-INDEPENDÊNCIA

Noêmia Coutinho Pereira Lopes (UNIMONTES)
noemiacoutinho@hotmail.com
Maria Generosa Ferreira Souto (UNIMONTES)

RESUMO

Este ensaio é parte de uma discussão maior que será apresentada em minha dissertação de mestrado, intitulada "*O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa: um romance-folhetim". Pretendemos discutir a contribuição de Teixeira e Sousa no cenário da literatura brasileira como um dos disseminadores da cultura literária no Brasil pós-independência. Ao apresentar ao público textos bem ao gosto popular da época - os folhetins – Teixeira e Sousa ousou, através de seus personagens polêmicos, como a "Eva" Laura, em *O Filho do Pescador* – uma história cheia de peripécias, digressões e reviravoltas –, conquistar um público-leitor e fazer desse seu folhetim uma das histórias mais conhecidas na época. Para nossas análises, usaremos os postulados de Antonio Candido e de Marlyse Mayer sobre os folhetins.

Palavras-chave: Teixeira e Sousa - folhetim - público-leitor

1. Introdução

Muitas vezes, durante uma pesquisa sobre um objeto específico, deparamo-nos com informações sobre outros objetos que são verdadeiras surpresas. E ao se pesquisar sobre uma época como todo o cenário em que o Romantismo está inscrito, surpresas não são raras. É sabido que muito já se pesquisou e descobriu sobre os autores de maior sucesso na primeira metade do século XIX. Nomes canonizados como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida figuram praticamente absolutos em quase todos os manuais de literatura que abarcam o Brasil ainda engatinhando política e economicamente no pós-independência.

No entanto, faz-se notório ressaltar que, como em toda pesquisa, alguns pontos são delimitados e objetivos traçados. A título de reflexão, podemos nos questionar sobre os critérios que elegem alguns escritores para o cânone em detrimento de outros. Dessa forma, como saber quem realmente obtinha sucesso junto ao público leitor da época se o que encontramos, muitas vezes, nos manuais de literatura são os nomes de quem figurava entre os mais lidos e mais aceitos por aqueles que estavam

no poder, também pela ideologia apresentada, de interesse do governo de então? Não podemos nos esquecer de que havia um projeto de construção de um Brasil para os brasileiros e era importante manter a vigilância sobre aquilo que era veiculado.

Uma pesquisa sobre uma época pode se limitar a explorar um determinado aspecto do objeto e muito provavelmente levará o pesquisador a se deparar com outras portas de leitura. Entretanto, é durante essa mesma pesquisa que se vê emergir alguns nomes até citados várias vezes, mas sem um devido estudo que os traga à baila. Frequentando o mesmo círculo literário, havia outros nomes além dos já canônicos supracitados. O presente ensaio pretende discutir o lugar e a contribuição de um desses autores, menosprezado pela crítica, entretanto partícipe do cenário literário brasileiro na primeira metade do século XIX, Teixeira e Sousa e sua contribuição na formação de um público leitor e na disseminação da literatura no Brasil de então.

2. Teixeira e Sousa em seu contexto de produção

Ao ser apresentado ao público como um autor de menor importância, de escrita confusa e ainda imatura, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, o mestiço de Cabo Frio, chama a atenção pelo fato de ao mesmo tempo em que buscou contornar as adversidades pelas quais passou, ser um dos autores mais famosos entre o público leitor da primeira metade do século XIX. Superando a crise financeira que abalou sua família e o obrigou a abandonar os estudos e a se tornar aprendiz de carpinteiro, logo após o falecimento de pais e irmãos, Teixeira e Sousa, (1812-1861) de posse dos poucos bens herdados, retoma os estudos e se dedica com mais afinco ao fazer literário: sua grande paixão.

Tendo trabalhado na tipografia de Paula Brito, lugar em que teve a oportunidade de conhecer grandes escritores da época, Teixeira e Sousa buscou conciliar seu trabalho como escrivão à carreira de escritor. Muito gostaria ele de se dedicar integralmente à literatura, mas sua condição financeira não lhe permitia a exclusividade.

Partindo de um panorama sobre a trajetória da literatura no Brasil, desde os primeiros textos escritos em solo brasileiro até o advento do século XIX e as transformações ocorridas no país de então, sejam no cenário político-econômico, sejam no social, muito foi experimentado, posto à prova do gosto público e principalmente da censura dos gover-

nantes. Desde os documentos, cartas, poemas, historietas, ensaios de romances, peças teatrais ou notícias publicadas em jornais, é importante pensarmos que sempre houve um escritor e um público leitor, numa constante relação de interdependência. E nós, como frutos de uma época, somos também o resultado de um contexto do qual estamos inseridos e com o qual colaboramos para sua construção.

Sobre isso, Antonio Candido nos diz:

> Ao descrever os sentimentos e as ideias de um dado período literário, elaboramos frequentemente um ponto de vista que existe mais em nós, segundo a perspectiva da nossa época, do que nos indivíduos que o integram. Para contrabalançar a deformação excessiva deste processo, aliás inevitável, é conveniente um esforço de determinar o que eles próprios diziam a respeito; de que modo exprimiam as ideias que sintetizamos e interpretamos. (CANDIDO, 2012, p. 635)

Não é de se estranhar que em um cenário político conturbado, o Brasil cujo brado da independência ainda ecoava com desconfiança, figurar entre os autores lidos da época era também uma questão de status para se manter entre os grandes e de sobrevivência, pois viver dos frutos da pena não era um privilégio de todos. Era preciso, então, encontrar um caminho que o levasse à glória: reconhecimento do público aliado a um rendimento financeiro. E um meio rápido para se alcançar esse objetivo era publicando folhetins.

De acordo com a pesquisadora Marlyse Meyer, no começo da década de 1840, os folhetins se tornaram um grande atrativo para alavancar as vendas dos jornais. Tratava-se de uma literatura comercial, promessa também de reconhecimento para os autores que dela passassem a fazer parte. Ainda segundo Meyer,

> (...) aderem todos à novidade que pode, quando agrada, provocar uma explosão de assinaturas; numa verdadeira guerra, disputam a preço de ouro os melhores folhetinistas. Foi por exemplo o muito conservador *Journal des Débats* que levou a melhor e publicou, apesar de "perigoso", Os mistérios de Paris! (MEYER, 2005, p. 59)

Essa nova forma de escrever conquistou também o público brasileiro. Diante dessa oportunidade, Teixeira e Sousa se entrega à escrita dos folhetins – uma febre nacional na primeira metade do século XIX, com destaque para seu *O Filho do Pescador*, publicado em 1843.

3. Teixeira e Sousa e sua receita para conquistar o público leitor

Fruto de uma época em que os mecenas buscavam talentos entre os que escreviam na primeira metade do século XIX, Teixeira e Sousa iniciou sua caminhada literária no universo da poesia. No entanto, seus poemas não alcançaram o sucesso que desejava. Partindo para a escrita dos folhetins, cuja intenção maior era vender suas histórias, o referido autor mergulhou na oportunidade de criar intrigas cheias de reviravoltas e peripécias. Costurando suas tramas com digressões, Teixeira e Sousa buscou se integrar ao universo dos autores cujos nomes eram mencionados entre o público leitor.

O Filho do Pescador narra a trajetória de Laura, uma mulher que ainda menina teve seu filho roubado, perdeu seu companheiro; após, casou-se novamente. Em seguida, já apaixonada por outrem, planejou junto com seu novo escolhido a morte de seu companheiro. Em outro momento, vê-se encantada, agora, por um belo rapaz, que lhe propõe casamento e, no jantar de noivado, descobre que o plano de matar seu marido não havia se concretizado; estava ele ali, vivo, na casa do rapaz com quem iria se casar e mais, tem-se revelado que tal rapaz era na verdade o filho roubado de Laura. Uma narrativa como essa poderia muito bem ser o roteiro de uma novela atual. E em 1843, foi sucesso imediato.

Não há como negar que as produções e seus autores sejam fruto de um determinado tempo e espaço. O fato é que o pesquisador em literatura, como ser pensante, há de se levantar questionamentos de ordem estrutural, de contexto de produção ou de semântica e, de acordo com as informações obtidas, as interpretações possíveis bem provavelmente encaminharão seu olhar para outros horizontes.

No presente ensaio, propomos olhar não somente a produção literária de Teixeira e Sousa e sim o lugar do autor no calor das publicações. Segundo Antoine Compagnon, "o ponto mais controvertido dos estudos literários é o lugar que cabe ao autor" (COMPAGNON, 2010, p. 48). Claro que não estamos aqui propondo um estudo profundo sobre esse objeto e sim trazer à tona o nome e a contribuição de Teixeira e Sousa para o cenário nacional.

No entanto, apesar de ter sido um escritor que buscou colher os frutos de seu trabalho, há divergência entre os estudos sobre Teixeira e Sousa. De acordo com Candido,

> Da parte do público o juízo não tem sido menos severo; Teixeira e Sousa é um escritor literalmente esquecido. Dos seus dez livros, os quatro de poesia

> nunca se editaram; dos seis romances, a metade ficou na primeira edição, precedida nalguns casos pela publicação periódica em folhetim, e nenhum foi além da segunda. Quanto às peças de teatro, o esquecimento foi pétreo. (CANDIDO, 2012, p. 444)

Porém, a pesquisadora Hebe Cristina da Silva localizou informações que contradizem o exposto por Candido. De acordo com Silva[1], Teixeira e Sousa tinha consciência de que naquela época a maioria dos seus leitores eram jovens brancos. Em pesquisa para sua tese de doutorado, Silva salienta que antes de ser publicada em livro, a história de Teixeira e Sousa foi grande sucesso de público no folhetim, tendo sido publicada no periódico *"O Brasil"*, de Francisco de Paula Brito. Silva localizou publicações da época que fazem referência a *O Filho do Pescador* como sucesso de público, conforme podemos observar:

> **O Filho do Pescador**
>
> Todo o publico conhece tão bem como nós, o - Filho do Pescador - um dos primeiros romances sahidos da fecunda imaginação do Snr. Teixeira e Sousa (hoje escrivão do Juizo Commercial: romance tão procurado como desejado. Pois bem, o vasio que existia entre nós pela falta de exemplares d'essa engenhosa producção, nós vamos agora preencher fazendo uma nova edição da que foi impressa em nossa typografia.
>
> Começaremos portanto a dar aos assignantes da *Marmota*, no próximo numero o mesmo folhetim que o periodico *Brasil* deu aos seus, em um dos mais bellos períodos de sua não curta existencia.
>
> Correcto que pela mesma Penna que o escreveu, é de esperar que o - Filho do Pescador - seja tão feliz em 1859 como foi em 1842 e 1843.
>
> (*A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 14 de junho de 1859)

Ainda de acordo com Hebe Cristina, outro indício de aceitação do romance por parte do público pode ser encontrado nos anúncios publicados nesse periódico nos dias 11 de outubro e 1º de novembro de 1859:

> **O Filho do Pescador.**
>
> Romance do Snr. A. G. Teixeira e Sousa
> (3.ª edição mais correcta)
> Um volume de 248 paginas, dividido em 20 capitulos [...]
> Vende-se na loja dessa officina, praça da constituição n. 64. Preço 2$000.
>
> (*A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 11/10/1859)

[1] Pesquisadora da obra de Teixeira e Sousa, em palestra sobre o bicentenário do referido autor, em Cabo Frio em 27 de março de 2012.

O Filho do Pescador.

Publicou-se a 4.ª edição deste tão lindo e procurado romance do Snr. Teixeira e Sousa. Um lindo volume de 248 paginas. Preço 2$000.

(*A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 1º/11/1859)

Interessa-nos, portanto, compreender e repensar de que maneira Teixeira e Sousa conquistou fama entre os leitores da primeira metade do século XIX. O fato é que ele buscou se inserir no contexto de produção da época, inclusive apresentando o discurso pedagógico para não destoar inteiramente da - falsa - moral vigente. Já no início de seu texto, numa espécie de pacto de leitura - que depois será tão bem trabalhada em Machado de Assis - Teixeira e Sousa apresenta para o leitor o que será a vida de Laura e como aprender com ela. Através de uma carta dirigida a Emília[2], confessa que aceitou a ideia de publicar um romance em prosa, como ele mesmo escreve:

> Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãe; para um marido e pai, e enfim para dois jovens! De quantos sei, nenhum conheci digno disso, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós julgá-lo-eis. Como minha verdadeira amiga e próxima parenta, conto com a vossa indulgência: quando não puderdes combinar com o meu modo de pensar, rogo-vos, pois, uma história, que me hão contado. (SOUSA, 1997, p. 01)

Percebe-se no trecho, um autor ligado ao que poderia vender. Num tom de fofoca - ou como queiram: conversa ao pé do ouvido - numa possível história real que lhe contaram, dá o tom inicial ao texto e se apresenta humilde para as possíveis críticas, chegando mesmo a registrar uma espécie de parceria com o leitor, em trecho posterior: "Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto passo de moral, para que vos sejam úteis; junto-lhes as belezas da literatura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escrito, porque essa honra vós lhe fareis!" (SOUSA, 1997, p. 01)

Bem ao gosto da época, numa via de mão dupla em que os autores exageravam nas descrições como forma também de alongar seu texto em contraponto do público leitor, que gostava de se ver retratado com tamanha perfeição física, embora estranhando algumas situações, Teixeira e

---

[2] Entendemos aqui que *Emília* estaria apenas servindo de interlocutor fictício, pois na verdade o autor se dirige a seu público leitor, formado basicamente por jovens, homens e mulheres letrados ou semialfabetizados, na primeira metade do século XIX em que discursos pedagógicos e a ficcionalização da vida cotidiana vinham contrastar com a realidade da época. Trata-se de uma sociedade ainda sem norte, em meio a turbulentas transformações no campo político.

Sousa apresenta, num cenário paradisíaco, aquela que será sua Eva, sempre deslumbrante mesmo ao acordar[3]:

> Neste lugar de delícias, do fundo de uma espaçosa rua, acabava de saudar o nascimento do astro do dia uma mulher, que nesse mesmo desalinho do primeiro despertar, nada lhe faltava de quantas graças a natureza liberaliza aos seus prediletos! (SOUSA, 1997, p. 05)

Uma história envolta em mistérios e permeada por digressões, muito provavelmente provocou no leitor o espírito de aventura. Tal prática de leitura se desenvolve quando os folhetins passam a fazer parte do cotidiano das pessoas. Percebe-se como esse movimento de divulgação de leitores e leituras, veiculado nos rodapés dos jornais, funcionam como faísca na disseminação da cultura literária no país em fins da primeira metade do século XIX. E um autor como Teixeira e Sousa e suas narrativas envolventes e dinâmicas a exemplo d'*O Filho do Pescador*, não pode passar despercebido, merecendo ele um estudo mais profundo, uma vez que obteve sucesso junto ao público leitor, apesar de não ter alcançado êxito no setor financeiro.

4. Considerações finais

Segundo Gilberto Mendonça Teles, cada escritor "sintoniza a alma de seu tempo. Mas também é o primeiro a captar a necessidade de modificá-la, influindo no processo de sua transformação". (TELES, 2012, p. 01.) Teixeira e Sousa não escapou a isso. Atento, empreendedor e ousado, buscou se inserir no contexto de produção e escrever aquilo que o ajudaria a obter o tão sonhado reconhecimento. Soube aliar em sua narrativa, amarrações que prenderam a atenção dos leitores de sua época e, apesar de necessitar de uma análise mais profunda sobre a estrutura de seus textos, seu nome não pode se manter na penumbra no que tange ao estudo da literatura brasileira na primeira metade do século XIX. Apresentar ao público uma história como *O Filho do Pescador*, cuja persona-

[3] É interessante salientar que naquela época a higiene não era um hábito. Segundo a pesquisadora Mary Del Priore, em seu livro intitulado *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Editora Planeta. 2011, os quartos não possuíam janelas, as camas ficavam molhadas de suor, os penicos eram recolhidos uma vez por semana e não existia escova ou creme dental. Dessa forma, apresentar ao público leitor uma personagem de "conto de fadas", doce, linda era uma maneira de proporcionar-lhe o deleite, inspirando-lhe a imaginação e fazendo com que desejasse tornar real a história narrada nos folhetins. Porém, é importante ressaltar que havia, como em todo conto de fadas, a intenção pedagógica por trás das histórias, como o discurso das "aparências enganam".

gem Laura vai de encontro à ideologia propagada pelo governo de então sobre o comportamento exemplar que as filhas da "boa sociedade" deveriam seguir e mesmo assim ser sucesso de vendas faz com que Teixeira e Sousa seja reconhecidamente um autor que figurou no cenário nacional, contribuindo para despertar o gosto pela leitura dos jovens da época, disseminando assim, a literatura brasileira da primeira metade do século XIX. Dessa forma, eis alguém sobre quem se deva aprofundar as pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SILVA, Hebe Cristina da. *Considerações acerca da recepção de O Filho do Pescador,* de Teixeira e Sousa. São Paulo: Unicamp. 2012.

SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira. *O filho do pescador*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.

TELES, Gilberto Mendonça. Historiografia literária brasileira. *Jornal Opção*, setembro de 2012. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/historiografia-literaria-brasileira>. Acesso em: 20-12-2012.